

ENTRE VOZES FEMININAS E MEMÓRIAS ANCESTRAIS: A DESCONSTRUÇÃO DO PATRIARCADO E A EMERGÊNCIA DA EQUIDADE DE GÊNERO EM *BISA BIA, BISA BEL*

BERTHIER, Maria Aparecida¹
WALLAU, Vanessa Luiza de²

RESUMO: O presente artigo tem como enfoque uma reflexão sobre o patriarcado e as desigualdades de gênero em diálogo com a literatura infantojuvenil brasileira, mais especificamente *Bisa Bia, Bisa Bel* de Ana Maria Machado (1981). A análise parte da compreensão de que a literatura constitui espaço de representação simbólica e de formação crítica, capaz de dar visibilidade às vozes femininas e de questionar estruturas opressoras. Portanto, a obra visa evidenciar, em sua narrativa, a ancestralidade feminina e os processos de ruptura com discursos patriarcais que atravessam gerações. A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica, considerando autores como Alves e Pitanguy (1991), Engels (2006), Drumont (1980) e Viana (2013), a fim de relacionar as lutas históricas das mulheres à construção de novos olhares sobre a equidade de gênero. Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar como a obra contribui para a desconstrução de padrões patriarcais, estimulando práticas educativas mais inclusivas e críticas. Por fim, destaca-se o papel da literatura na formação de leitores sensíveis às questões de gênero e comprometidos com a transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Infantojuvenil. Patriarcado. Equidade. Gênero.

ENTRE VOCES FEMENINAS Y MEMORIAS ANCESTRALES: LA DECONSTRUCCIÓN DEL PATRIARCADO Y LA EMERGENCIA DE LA EQUIDAD DE GÉNERO EN *BISA BIA, BISA BEL*

RESUMEN: El presente artículo se centra en una reflexión sobre el patriarcado y las desigualdades de género en diálogo con la literatura infantil y juvenil brasileña, más específicamente *Bisa Bia, Bisa Bel* de Ana Maria Machado (1981). La investigación parte de la comprensión de que la literatura constituye un espacio de representación simbólica y de formación crítica, capaz de dar visibilidad a las voces femeninas y de cuestionar estructuras opresoras. Por lo tanto, la obra se toma como objeto de análisis por evidenciar, en su narrativa, la ancestralidad femenina y los procesos de ruptura con discursos sexistas que atraviesan generaciones. La investigación se fundamenta en una revisión bibliográfica, considerando autores como Alves y Pitanguy (1991), Engels (2006), Drumont (1980) y Viana (2013), con el fin de relacionar las luchas históricas de las mujeres con la construcción de nuevas perspectivas sobre la equidad de género. Se busca demostrar cómo la obra contribuye a la deconstrucción de patrones patriarcales, estimulando prácticas educativas más inclusivas y críticas. Finalmente, se destaca el papel de la literatura en la formación de lectores sensibles a las cuestiones de género y comprometidos con la transformación social.

PALABRAS CLAVE: Literatura. Infantil y juvenil. Patriarcado. Equidad. Género.

1 INTRODUÇÃO

A discussão acerca do patriarcado e das desigualdades de gênero mostra-se fundamental para compreender os mecanismos que estruturam a sociedade e influenciam, de forma direta, a construção da identidade e do papel social das

¹Acadêmica do curso de Letras Português e Espanhol do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: MariaBerthier@minha.fag.edu.br

² Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Docente do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: Vanessaluiza@fag.edu.br

mulheres. A literatura, enquanto espaço de representação simbólica e reflexão crítica, assume relevância especial nesse debate, pois permite que diferentes vozes e perspectivas ganhem visibilidade, questionando modelos tradicionais de poder e abrindo caminhos para novas formas de compreensão. Nesse contexto, a produção literária infantojuvenil desempenha papel formativo essencial, uma vez que, ao atingir leitores em formação, colabora para o desenvolvimento de uma consciência crítica voltada à equidade de gênero e à valorização da diversidade.

É nesse horizonte que se insere a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), de Ana Maria Machado, cuja narrativa aproxima diferentes gerações de mulheres, evidenciando tanto as permanências quanto as transformações nos modos de ser e agir do feminino. A história, ao apresentar as vozes da bisavó, da protagonista e das mulheres de seu tempo, estabelece um diálogo intergeracional que permite refletir sobre a herança cultural do patriarcado e, simultaneamente, sobre a possibilidade de desconstrução de discursos patriarcais.

A escolha da obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), justifica-se por sua relevância literária e educacional, uma vez que, além de integrar práticas escolares, a narrativa instiga reflexões acerca do respeito, da tolerância e da igualdade de direitos - valores imprescindíveis à formação de sujeitos críticos e socialmente conscientes. Nesse sentido, a escola, concebida como espaço de produção de saberes e de constituição de cidadania, deve propiciar condições para que tais discussões sejam efetivamente incorporadas ao cotidiano pedagógico, articulando dimensões teóricas e experiências sociais femininas que potencializam o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as questões de gênero.

Ao dialogar com perspectivas como a de Simone de Beauvoir (1970), que denuncia a histórica objetificação da mulher e defende sua afirmação como sujeito autônomo, a obra de Machado adquire relevância não apenas como recurso literário, mas como instrumento formativo capaz de contribuir para a construção de identidades plurais e emancipatórias. Dessa forma, a inserção dessa narrativa no contexto escolar não se restringe à apreciação estética, mas inscreve-se em um projeto político-pedagógico comprometido com a transformação social e com a promoção da equidade de gênero.

Partindo de uma revisão bibliográfica que contempla autores como Alves e Pitanguy (1991), Engels (2006), Drumont (1980) e Viana (2013), busca-se compreender as lutas históricas das mulheres e relacioná-las à forma como a

literatura brasileira, em especial a voltada ao público infantojuvenil, contribui para o fortalecimento do empoderamento feminino. Nessa perspectiva, a análise da narrativa de Ana Maria Machado procura demonstrar de que modo a obra contribui para a reflexão sobre o lugar da mulher na sociedade e para a promoção de uma leitura crítica comprometida com as relações igualitárias de gênero.

Esta investigação busca compreender de que modo a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), de Ana Maria Machado, contribui para problematizar estruturas de poder historicamente naturalizadas, como o patriarcado, e para fomentar uma leitura crítica que valorize a equidade nas perspectivas de gênero. Ao colocar em diálogo diferentes temporalidades e vozes femininas, a narrativa abre espaço para a reflexão acerca da condição da mulher na sociedade, promovendo não apenas a fruição literária, mas também a sensibilização dos leitores diante das múltiplas formas de desigualdade e exclusão ainda vigentes.

Para tanto, o trabalho organiza-se em diferentes etapas: primeiramente, apresenta-se a historiografia das lutas femininas; em seguida, discutem-se os aportes da literatura, sobretudo da literatura infantojuvenil, como espaço de contestação e de formação crítica; depois, procede-se à análise da obra escolhida, ressaltando os aspectos de ancestralidade e de ruptura com discursos opressores; e, por fim, discutem-se as implicações educacionais e sociais dessa leitura, sistematizando as contribuições que emergem da pesquisa.

2 DA INVISIBILIDADE À VOZ: A JORNADA FEMININA PELA EQUIDADE DE GÊNERO

O movimento feminista emerge como resposta às múltiplas formas de opressão vivenciadas pelas mulheres ao longo da história. Trata-se de uma reação à aversão, à subordinação, à inferiorização e, sobretudo, ao sexismo estrutural que as coloca em condição de desigualdade em relação aos homens. O feminismo constitui, portanto, uma força política, social e cultural voltada à desconstrução do sistema patriarcal e das desigualdades historicamente construídas entre os sexos.

Segundo Alves e Pitanguy (1991)

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja o feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada.

Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias (Alves e Pitanguy, 1991, p. 7).

A luta feminista é constituída por perspectivas diversas, organizadas por mulheres que expressam vivências particulares, experiências sociais compartilhadas e saberes oriundos de suas trajetórias históricas. Desde seu surgimento, o feminismo tem promovido campanhas em prol do reconhecimento dos direitos essenciais das mulheres, tais como o direito à dignidade, à educação, ao trabalho, à propriedade, ao voto, à participação política, ao próprio corpo e, essencialmente, ao direito de viver em condições de igualdade com os homens.

De acordo com Engels (2006), a opressão de gênero teve início com a consolidação da propriedade privada e da estrutura monogâmica. Em sociedades primitivas, durante o período da pedra lascada, homens e mulheres desempenhavam tarefas comunitárias de maneira equilibrada, como o trabalho doméstico, a produção de cerâmica, tecelagem e cultivo de hortas.

Contudo, com o advento da metalurgia e a consequente intensificação do trabalho, o homem passou a dominar esses processos, reduzindo a mulher à condição de dependência. Surgem, então, as primeiras formas de propriedade privada, em que o senhor da terra e dos escravizados se torna também o proprietário da mulher. A primeira forma de opressão social, segundo Engels (2006), deu-se justamente no seio familiar, por meio da imposição da fidelidade conjugal exclusiva à mulher, cujo objetivo era garantir a legitimidade da herança: “[...] a fidelidade conjugal da mulher tinha por fim assegurar a paternidade legítima, pois os filhos deveriam ser herdeiros diretos da fortuna paterna” (Engels, 2006, p. 66).

A estrutura familiar monogâmica, atrelada ao surgimento do modo de produção capitalista, institui-se como um dos principais mecanismos de inferiorização da mulher na sociedade. Durante a Idade Média, a figura feminina foi associada ao pecado, influenciada por interpretações bíblicas que culpabilizavam Eva pela expulsão do paraíso, o que fortaleceu a visão da mulher como ser perigoso e moralmente inferior.

Nesse contexto, a chamada “caça às bruxas” perseguiu milhares de mulheres que detinham saberes populares, tais como o uso de ervas medicinais, a atuação como parteiras ou curandeiras, ameaçando a hegemonia masculina. Essa perseguição perdurou até o Renascimento, configurando um marco do controle patriarcal sobre o corpo e o conhecimento feminino. A escritora francesa Christine

de Pizan destacou-se como uma das primeiras vozes a defender publicamente a igualdade de direitos entre homens e mulheres, especialmente no âmbito educacional.

No século XVII, com a proximidade da Revolução Industrial e a reestruturação da sociedade voltada ao crescimento econômico, surgiram as primeiras teses que defendiam a igualdade entre os sexos. Nesse período, o feminismo passou a se constituir como prática política organizada, com discurso próprio e pautas centradas na emancipação feminina e na promoção de relações igualitárias entre os gêneros.

Foi somente a partir do século XIX que as mulheres começaram a se posicionar de forma mais sistemática contra a desigualdade de gênero, exigindo acesso à educação, ao trabalho e à cidadania plena. O machismo, por sua vez, configura-se como um sistema simbólico que naturaliza relações de dominação e exploração entre os sexos.

Conforme Drumont (1980), trata-se de um modelo ideológico que define padrões de identidade para homens e mulheres, conferindo ao sexo masculino uma posição de liderança e autoridade nas relações de gênero, o que impede a construção de uma convivência equitativa e harmoniosa.

Rafaela Leão Barreto Viana (2013) observa que:

No decorrer dos séculos, grandes avanços foram alcançados no que se refere ao reconhecimento dos direitos da mulher. As mulheres conseguiram certa emancipação e liberdade que permitiram a elas o que antes era impensável, começando pelo seu direito a voto, seu espaço no mercado de trabalho e nas universidades, sua capacidade civil e política, até sua liberdade de dispor sobre o próprio corpo (Viana, 2013, s/p.).

Apesar dos avanços sociais e culturais observados nas últimas décadas, práticas e discursos arraigados no machismo e no sexismo continuam a permear a sociedade, influenciando comportamentos, instituições e estruturas de poder. A violência de gênero, frequentemente sutil e velada, permanece como um obstáculo à plena participação das mulheres em diferentes esferas sociais. Nesse contexto, a trajetória feminina na literatura assume relevância emblemática, uma vez que escritoras historicamente enfrentaram barreiras impostas pelo patriarcado para consolidar sua voz, afirmar sua presença no universo literário e questionar normas sociais restritivas.

A literatura brasileira tem se constituído como um espaço significativo de reflexão sobre questões de gênero, com autoras pioneiras na abordagem do

feminismo em suas obras, por exemplo Ana Maria Machado, que, desde cedo, sua escrita incorporou temáticas relacionadas à igualdade de gênero, autonomia feminina e valorização da experiência das mulheres. Em obras voltadas ao público infantojuvenil, como *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), Machado narra histórias familiares que também promovem reflexão sobre relações de poder, papéis sociais e identidade feminina, contribuindo para a consolidação de um diálogo sobre feminismo na literatura brasileira.

No campo da literatura adulta, Lya Luft (1938) aprofundou reflexões sobre a existência, os desafios e os dilemas da mulher na sociedade. Livros como *Perdas e Ganhos* (2003) e *As parceiras* (1980) exploram a complexidade da experiência feminina, questionando padrões sociais impostos pelo patriarcado e investigando a busca da mulher por liberdade e autoconhecimento. A escrita de Luft combina a reflexão filosófica com a sensibilidade literária, consolidando-a como uma voz influente no debate sobre feminismo e literatura no país.

Na contemporaneidade, outras autoras ampliam essa reflexão, articulando questões de gênero e raça em diferentes esferas sociais, tal como a filósofa e ativista Djamila Ribeiro. A ativista foi eleita em maio de 2022 para a Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira de número vinte e oito, a qual era pertencente à escritora Lygia Fagundes Telles, sendo um exemplo notável. Além de sua atuação institucional, Ribeiro produz obras que abordam o racismo estrutural e a desigualdade de gênero, sendo reconhecida como uma voz significativa na defesa dos direitos de negros e mulheres no Brasil. Entre seus livros, destaca-se *Pequeno manual antirracista* (2019), vencedor do prestigiado Prêmio Jabuti (2020), que explora de forma didática e crítica os mecanismos do racismo enraizado na sociedade brasileira.

Ao longo da história, as mulheres foram frequentemente afastadas para espaços marginalizados, privadas de acesso pleno à educação e subjugadas por estereótipos que limitavam sua liberdade criativa. A emergência da mulher como escritora não apenas representa uma conquista individual, mas também simboliza um avanço cultural profundo, refletindo resistência, autonomia e a capacidade de questionar normas sociais enraizadas. A produção literária feminina, ao perfazer narrativas que exploram identidade, experiências e subjetividade feminina, torna-se um instrumento de reflexão crítica, capaz de desconstruir paradigmas históricos e oferecer novas perspectivas sobre o papel da mulher na sociedade.

3 CONSTRUÇÕES FEMININAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

A trajetória das mulheres na sociedade foi, desde tempos remotos, marcada por lutas constantes em busca de reconhecimento, direitos e espaços de atuação. No campo literário, esse processo não se apresentou de maneira distinta: escrever e publicar eram práticas vistas, durante séculos, como atividades essencialmente masculinas, reservadas àqueles que detinham o monopólio do saber e da palavra escrita. A própria alfabetização feminina, condição mínima para o ingresso no universo das letras, era compreendida como um privilégio restrito aos homens, sendo negada ou desencorajada às mulheres sob a justificativa de que não lhes caberia o exercício intelectual, mas sim as funções domésticas e familiares.

Nesse contexto de limitações enraizadas culturalmente, observa-se um episódio paradigmático envolvendo Olavo Bilac (1865–1918) e sua noiva, Amélia de Oliveira (1865–1945). Em 1888, Bilac lhe dirige uma carta na qual tece considerações críticas e desencorajadoras acerca da publicação de seus poemas. Esse documento não apenas evidencia os obstáculos enfrentados pelas mulheres que ousavam transgredir o espaço privado e inserir-se no domínio público da criação literária, como também traduz a mentalidade de uma época em que a voz feminina era constantemente cerceada. Assim, a atitude de Bilac representa um retrato simbólico das barreiras sociais e culturais que circunscreviam a produção literária feminina no século XIX, revelando como o machismo, profundamente arraigado, buscava conter e limitar a expressão intelectual das mulheres. Como ele próprio reconheceu em sua carta à sua esposa:

Minha Amélia [...]

Antes de tudo, quero dizer-te que te amo, agora mais do que nunca, que não me sais um minuto do pensamento, que és a minha preocupação eterna, que vivo louco de saudade, amaldiçoando esta horrível dependência que me obriga a estar tão longe de ti. [...] Não me agradou ver um soneto teu no Almanaque da Gazeta de Notícias deste ano, não foi o fato de vir em um almanaque o soneto que me desagradou: **desagradou-me a sua publicação**. Previ logo que andava naquilo o dedo do Bernardo ou do Alberto. Tu, criteriosa como és, não o farias por tua própria vontade. Folguei muito, depois, vendo a minha previsão confirmada por D. Adelaide. Devo confessar que fui eu o primeiro a insistir contigo para que publicasses versos. Cheguei mesmo a dar alguns aqui, no Mercantil. **Fiz mal. Arrependo-me. Hás de concordar comigo.**

Há uma frase de Ramalho Ortigão, que é uma das maiores verdades que tenho lido: – “**O primeiro dever de uma mulher honesta é não ser conhecida**”. – Não é uma grande verdade? Reflete bem sobre isso: há em Portugal e Brasil cem ou mais mulheres que escrevem. Não há nenhuma delas de quem não se fale mal, com ou sem razão. Além disso, quem publica alguma coisa, fica sujeito à discussão, cai no domínio da crítica. **E imagina que mágoa a minha, que desespero o meu, se algum dia um miserável qualquer ousasse discutir o teu nome!** [...] Ainda há bem pouco tempo, aqui em S. Paulo, um padre, escrevendo sobre Julia Lopes, insultou-a publicamente. Eu nada tinha com isso. Mas tratava-se de uma senhora e da mulher de um amigo meu: tive vontade de esmurrar o padre. E sem razão. Sem razão, porque uma senhora, desde que se faz escritora, tem de se sujeitar ao juízo de todos. Não quer isto dizer que não faças versos, pelo contrário. Quero que os faças, muitos, para os teus irmãos, para as tuas amigas, e principalmente para mim, – mas nunca para o público, porque o público envenena e mancha tudo o que lhe cai sob os olhos [...] Teu noivo, Olavo Bilac (Elton, 1954, p. 48-54, grifos nossos).

Antes de alcançarem o devido reconhecimento, muitas mulheres escritoras sentiam-se obrigadas a publicar suas obras sob pseudônimos masculinos, a fim de garantir maior aceitação por parte do público e da crítica literária. Outras enfrentaram enormes dificuldades para assinar seus trabalhos com seus nomes reais, como ocorreu com figuras proeminentes da literatura brasileira, tais como Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, entre tantas outras. Esse panorama evidencia as barreiras sociais e culturais impostas às mulheres no campo literário, o que refletia a necessidade de recorrer a estratégias que lhes permitissem exercer sua produção intelectual. Antes da emergência dessas escritoras, o cenário literário brasileiro apresentava-se desvalorizado, segundo Gomes e Batista (2022, p. 3-4)

[...] As mulheres inserem-se nesse cenário a partir da produção de obras consideradas intelectualmente inferiores, como os romances e dramas, sob a ótica da desvalorização, já que era uma produção voltada para a leitura do público feminino. Mesmo sendo a escrita voltada para a leitura desse público, era comum o uso de pseudônimos ou até mesmo o anonimato dentro das produções desenvolvidas, já que neste período o papel do autor não era valorizado, ficando em segundo plano, por trás da obra [...].

Segundo Eleutério (2005), ainda que a mulher alcance condições intelectuais e sociais para o exercício da escrita - como o acesso à educação formal, à leitura, ao domínio de línguas estrangeiras, à convivência com escritores e intelectuais, bem como à participação em saraus e na imprensa - permanece diante de múltiplos obstáculos. Entre eles, destaca-se a internalização da inferioridade historicamente imposta pela lógica patriarcal, que a faz sentir-se incapaz de competir em igualdade de condições com seus pares masculinos ou, em muitos casos, a leva a submeter-

se integralmente às exigências familiares que a limitam, mesmo quando lhe conferem um primeiro reconhecimento.

Tal perspectiva revela-se reducionista e contraditória, sobretudo se considerarmos que, ainda no século XXI, escritoras de grande relevo continuaram a construir obras literárias que abriram caminhos significativos para a consolidação da literatura de autoria feminina. Nesse contexto, o Modernismo se apresenta como um marco fundamental, no qual emergem figuras como Rachel de Queiróz, Cecília Meireles, Clarice Lispector, entre outras, cujas contribuições foram essenciais para a consolidação da literatura feminina no Brasil.

No panorama da literatura infantil brasileira, a obra *Ou Isto ou Aquilo* (1964), elaborada por Cecília Meireles, ocupa um lugar de destaque por constituir-se em uma coletânea de poemas de notável sofisticação estética. A escritora, ao articular delicadeza lírica e recursos de ludicidade, consegue produzir textos acessíveis ao público infantil e juvenil sem abrir mão da profundidade simbólica e da densidade poética que caracterizam sua trajetória. Tal iniciativa evidencia não apenas a versatilidade de sua escrita, mas também o esforço em legitimar a literatura para crianças, oferecendo um espaço artístico autônomo e relevante no campo literário.

Do mesmo modo, torna-se imprescindível as obras de Monteiro Lobato, cuja contribuição se revela incontornável no processo de consolidação da literatura infantojuvenil no Brasil. Por não ter enfrentado os entraves impostos pelo patriarcado, sua trajetória literária seguiu caminhos menos restritivos, permitindo-lhe implementar em suas narrativas os brinquedos, elementos lúdicos e aspectos da imaginação infantil. Sua produção abriu possibilidades para novas gerações de escritores e escritoras, sendo reconhecida como marco fundamental para o gênero.

Nesse contexto, Ana Maria Machado emerge como uma das herdeiras desse legado, ressaltando em sua biografia a presença determinante da obra lobatiana em sua formação leitora. A autora reconhece que a influência de Lobato não apenas despertou seu interesse pela literatura, mas também forneceu alicerces simbólicos e culturais que a impulsionaram a trilhar sua própria trajetória. Assim, a partir da confluência entre as marcas líricas de Meireles e a inventividade narrativa de Lobato, Ana Maria Machado construiu uma escrita singular que consolidou seu lugar no cenário da literatura infantil brasileira.

4 AS NUANCES E A ANCESTRALIDADE EM *BISA BIA, BISA BEL*

A obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, teve sua primeira edição publicada em 1981 pela Editora Salamandra, alcançando grande repercussão no cenário literário brasileiro e conquistando diversos prêmios que consolidaram a autora como uma das vozes mais relevantes da literatura infantojuvenil do país. Ana Maria Machado, além de escritora, atuou como militante durante o período da Ditadura Militar, jornalista, professora e pintora, experiências que permeiam e enriquecem sua produção literária.

Em suas obras, Machado frequentemente mistura memória e imaginação, criando narrativas que transitam entre o real e o fantástico. *Bisa Bia, Bisa Bel* surge nesse contexto como uma narrativa que estabelece um diálogo intertemporal, explorando diferentes perspectivas e concepções sobre o eu feminino ao longo de gerações. Por meio das memórias das antepassadas de Bel, a obra evidencia como concepções culturais e sociais de diferentes épocas podem entrar em conflito com os ideais e desejos da protagonista, proporcionando ao leitor uma reflexão profunda sobre identidade, herança familiar e autonomia feminina.

Na literatura de Ana Maria Machado, a protagonista dialoga com outras realidades temporais, em que a odisseia se dá pela memória que, por conseguinte, testemunha uma época que revela conflitos humanos que intersectam a narrativa e configura-se à história real.

A tessitura narrativa estabelece uma interação direta com o leitor por meio da personagem Isabel, cuja voz se constrói a partir da oralidade. Tal recurso confere ao enredo um efeito de proximidade, marcado por um tom que oscila entre a conversa intimista, a confissão subjetiva, o desabafo emocional e o diálogo implícito que se desdobra ao longo da trama.

O contraponto temporal evidencia-se quando a personagem principal, Isabel, confronta-se com o pensamento historicamente sedimentado de sua bisavó Beatriz, cuja perspectiva reflete a memória e as experiências de seu próprio tempo. Nesse diálogo intergeracional entre mulheres de épocas distintas, destacam-se as expectativas que Isabel nutre e seu processo de autoconhecimento, à medida que

se aproxima da figura da Bisa Bia, exemplar feminino moldado pelas imposições do patriarcado, especialmente em relação às determinações do público masculino.

Ao longo da narrativa, diversas situações convidam o leitor a refletir sobre os valores e mentalidades de cada período histórico. Entre elas, destaca-se a experiência de Bisa Bia, que aponta como, em sua época, o uso de calças compridas ou shorts era considerado exclusivo do universo masculino, suscitando em Isabel um questionamento acerca da arbitrariedade e estranheza dessa convenção social. Tal passagem evidencia não apenas a distância temporal entre as gerações, mas também o caráter restritivo e constrangedor das normas de gênero que moldaram comportamentos femininos, reforçando a crítica implícita à perpetuação de valores patriarcais e sublinhando a importância da reflexão crítica sobre essas estruturas ao longo do tempo. Como pode se observar:

Pensei logo em botar a foto no bolso de trás da calça. Não entrou. Na hora, eu achei que era porque o retrato era maior do que o bolso. Só que depois que eu fiquei conhecendo melhor Bisa Bia é que soube de verdade: ela não gosta de ver menina usando calça comprida, short, todas essas roupas gostosas de brincar. Acha que isso é roupa de homem, já pensou? De vez em quando ela vem com umas idéias assim esquisitas. Por ela, menina só usava vestido, saia, avental, e tudo daqueles bem bordados, e de babado. Mas isso eu só soube depois. Naquela primeira vez, achei que o retrato não cabia no bolso e lá fui com ele na mão para meu quarto. Nem desconfiava que ela é que não queria saber de bolso de calça comprida. Nem desconfiava que ela tinha vontades e opiniões só dela. Nem desconfiava que ela já estava era com vontade de morar comigo (Machado, 2001, p.11).

Este fragmento, evidencia o pensamento conservador de Bisa Bia, suscitando em Isabel um questionamento crítico acerca daquilo que lhe parece arbitrário ou desajustado. Passagens como essa, assumem um papel central ao permitir que o leitor acompanhe a evolução da compreensão e da experiência de uma geração mais jovem, em diálogo com a sabedoria e as limitações de uma geração anterior. Dessa forma, a obra de Ana Maria Machado, apresenta um rico panorama de reflexões intergeracionais, oferecendo instrumentos para compreender como valores e normas sociais são transmitidos e, muitas vezes, naturalizados.

Destacam-se, ainda, trechos em que a autora evidencia a persistência de pensamentos machistas, evidenciando expectativas impostas às meninas e mulheres acerca de seus comportamentos, posturas e funções sociais. Essas passagens são fundamentais para a análise crítica da obra, pois revelam não apenas as restrições sociais historicamente atribuídas ao gênero feminino, mas também estimulam o leitor a refletir sobre a construção de identidades e a

necessidade de revisão dessas normas. O que possibilita a compreensão da obra como um espaço de questionamento das estruturas patriarcais e de promoção da autonomia feminina.

Enquanto Isabel se entrega às brincadeiras, Bisa Bia repreende a neta, afirmando: “— Ah, menina, não gosto quando você fica correndo desse jeito, pulando assim nessas brincadeiras de menino. Acho muito melhor quando você fica quieta e sossegada num canto, como uma mocinha bonita e bem comportada” (Machado, 2001, p. 19). Essa passagem evidencia a desigualdade temporal entre as personagens, refletindo a tensão entre experiência e expectativa, categorias que se inserem no âmbito dos conceitos sociais e políticos. Por meio desse contraste, observa-se como valores tradicionalmente atribuídos ao gênero feminino, por exemplo a obediência, a delicadeza e a passividade, os quais eram naturalizados em gerações anteriores, em contraste, as crianças mais novas, representadas por Isabel, começam a questionar tais imposições.

O diálogo entre as duas gerações permite ao leitor compreender não apenas a diferença de perspectiva temporal, mas também como as normas de gênero são transmitidas e reforçadas culturalmente, destacando a persistência de padrões patriarcais. Além disso, a obra possibilita uma reflexão crítica sobre os limites impostos à liberdade feminina, ao mesmo tempo em que introduz a possibilidade de resistência e revisão dessas normas, abrindo espaço para a construção de uma consciência mais autônoma e crítica por parte das personagens mais jovens.

Outro fator significativo pode ser evidenciado na fala: “Meninas que assoviam e galinhas que cantam nunca têm bom fim” (Machado, 2001, p. 31). Nessa passagem, a personagem Bisa Bia expressa uma visão tradicional, marcada por convenções sociais e morais, que busca regular o comportamento feminino, transparecendo a herança de uma mentalidade patriarcal.

Posteriormente complementa: “O que é muito feio não é o assvio. É uma menina assoviando, uma mocinha que não sabe se comportar e fica com esses modos de moleque de rua” (Machado, 2001, p. 32).

Nessa fala, Bisa Bia evidencia o quanto profundamente o pensamento machista está enraizado em sua formação, visto que associa o comportamento da menina a uma transgressão das normas sociais impostas às mulheres. Ao condenar o assvio como uma característica indevida para uma “mocinha”, a narrativa revela como os padrões patriarcais não apenas regulam a conduta feminina, mas também

naturalizam a superioridade masculina e a vigilância sobre os corpos e comportamentos das meninas. Essa internalização de valores restritivos demonstra que, mesmo sem intenção maliciosa, os sujeitos socializados em contextos patriarcais reproduzem e reforçam estereótipos de gênero, perpetuando limitações à autonomia e à liberdade feminina.

Machado (2001) denuncia o enrijecimento de valores herdados da sociedade patriarcal, cujas normas foram historicamente moldadas segundo princípios masculinos, impondo ao sujeito feminino comportamentos alheios à sua individualidade. Todavia, Ana Maria Machado realiza essa crítica sem transformar o texto em um discurso estritamente realista, objetivo ou impositivo ao leitor. Sua marca estilística manifesta-se na criação de personagens fortes, astutas e conscientes de suas escolhas, que se posicionam ideologicamente, defendem seus pontos de vista e ocupam seus espaços de forma assertiva, como se evidencia na figura argumentadora de Bisa Bel.

A obra estabelece um diálogo sensível entre passado e futuro, configurando o tempo histórico por meio da interação entre diferentes gerações. Três tempos e três experiências entrelaçam-se na personagem Isabel, que, de maneira poética e reflexiva, incorpora as vivências de sua bisavó, Bisa Bia. A narrativa recorre a elementos como fotografias antigas e lembranças familiares para proporcionar à protagonista o contato com memórias de épocas distintas, instigando reflexões sobre costumes, tradições e o papel da mulher ao longo do tempo. Essa mediação entre passado e presente possibilita ao leitor compreender não apenas a evolução do pensamento social, mas também a persistência de normas patriarcais que ainda influenciam a vida feminina contemporânea.

Além de retratar as relações intergeracionais, a obra configura-se como um instrumento de desconstrução de estereótipos de gênero. Por meio da trajetória de Isabel e da análise crítica das posturas de Bisa Bia, Ana Maria Machado questiona as expectativas históricas impostas às mulheres, como a subordinação, a passividade e a conduta pautada por padrões masculinos. A autora evidencia que tais convenções não são naturais, mas construções sociais, convidando o leitor a refletir sobre a arbitrariedade dessas normas e sobre a urgência de uma revisão crítica dos papéis atribuídos ao feminino.

Nesse contexto, a literatura infantil torna-se um espaço de resistência simbólica, no qual se problematizam as desigualdades de gênero e se propicia o

fortalecimento da autonomia feminina. A obra evidencia que a construção da identidade da menina Isabel está intrinsecamente ligada à compreensão das experiências passadas, à percepção crítica dos papéis sociais e à possibilidade de subverter limitações herdadas. Assim, *Bisa Bia, Bisa Bel* demonstra que a literatura infantil não apenas entretém, mas também desempenha um papel pedagógico e social, promovendo reflexões sobre gênero, história e poder, e contribuindo para a formação de leitores conscientes e críticos em relação às estruturas sociais que moldam a vida das mulheres.

Desde os primórdios da narrativa, evidencia-se um entrelaçamento sensível entre personagens de tempos distintos: ora manifestado pela voz do passado, encarnada por Bisa Bia, ora revelado pela perspectiva do futuro, representada por Neta Beta. Essa alternância temporal proporciona ao leitor uma compreensão mais profunda do contexto histórico e das transformações culturais, sociais e comportamentais que se processam ao longo das gerações, permitindo observar como normas e expectativas de gênero se consolidam, se reproduzem ou são questionadas.

A obra apresenta diálogos intergeracionais que ressaltam a continuidade e a transformação de valores culturais. Por exemplo, ao ouvir Dona Sônia relatar a trajetória da bisavó de Isabel, o colega Vitor rememora a história de seu próprio avô: “[...] nós tínhamos que fazer força para melhorar, para deixar o mundo melhor para nossos filhos, como papai fazia no trabalho como jornalista e mamãe dando as aulas dela [...]” (Machado, 2001, p. 60-61). Na sequência surge uma reflexão que transcende gerações, em que a turma reflete o que se pode aproveitar de cada geração e melhorar para formar uma sociedade igualitária e justa.

Por meio dessas passagens, a narrativa abre espaço para reflexões pedagógicas e sociais, incentivando leitores jovens a desenvolver consciência histórica, capacidade crítica e valorização da memória familiar. A trajetória reflexiva da protagonista Isabel evidencia a complexidade do processo de construção da identidade feminina, por exemplo:

E então eu soube, eu descobri. Assim de repente. Descobri que nada é de repente. Dessa vez, a pesquisa do colégio não é só em livros nem fora de mim. É também na minha vida mesmo, dentro de mim. Nos meus segredos, nos meus mistérios, nas minhas encruzilhadas escondidas, Bisa Bia discutindo com Neta Beta e eu no meio, pra lá e para cá. Jeitos diferentes de meninos e meninas se comportarem, sempre mudando. Mudanças que eu mesma vou fazendo, por isso é difícil às vezes dá vontade de chorar.

Olhando para trás e andando para frente, tropeçando de vez em quando, inventando moda. É que eu também sou inventora, inventando todo dia um jeito novo de viver (Machado, 2001, p. 61-62).

Neste trecho, observa-se que, mesmo permeada por valores patriarcais herdados, a protagonista inicia um processo de tomada de consciência, questionando normas e padrões de comportamento impostos às mulheres. A narrativa, assim, funciona como instrumento de desconstrução do patriarcado, ao apresentar uma personagem que dialoga criticamente com a herança cultural recebida, reconfigurando seu próprio entendimento sobre liberdade, autonomia e identidade.

Além disso, a obra permite compreender como a literatura infantil pode atuar como espaço de resistência simbólica, no qual se problematizam desigualdades de gênero e se fomentam reflexões sobre o papel da mulher na sociedade. Ao acompanhar a evolução de costumes, valores e expectativas através das gerações, o leitor é instigado a analisar criticamente as construções sociais e a refletir sobre sua própria posição frente a normas de gênero, fortalecendo a consciência de igualdade e autonomia feminina.

Ao longo da obra, Ana Maria Machado utiliza essas passagens para expor criticamente a opressão histórica sobre a mulher e provocar reflexões sobre as injustiças sociais herdadas de épocas anteriores. Através de personagens como Bisa Bia, a narrativa evidencia a tensão entre tradições moralizantes e a possibilidade de questionamento desses valores, oferecendo ao leitor um espaço para perceber a arbitrariedade das normas de gênero.

Logo, a autora não apenas representa a influência do patriarcado na formação das mulheres, mas também propõe, de maneira sutil, a necessidade de revisão dessas convenções, abrindo caminho para a valorização da autonomia feminina e da igualdade social, fortalecendo o papel da mulher na literatura e na sociedade contemporânea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado (1981), configura-se como um marco da literatura infantojuvenil brasileira, cuja importância transcende o plano estético para assumir um papel crítico e formativo na construção da consciência de

gênero. Ao articular, de maneira sensível, a ancestralidade feminina, os legados históricos do patriarcado e os processos de luta por equidade, a narrativa propicia uma reflexão aprofundada sobre a condição social e cultural da mulher, estimulando o leitor a problematizar normas, hierarquias e estereótipos socialmente instituídos.

Por meio do diálogo intergeracional entre Isabel, Bisa Bia e Neta Beta, a obra permite observar tanto as continuidades quanto as rupturas nos modos de ser e agir do feminino, evidenciando a transmissão de valores culturais ao mesmo tempo em que possibilita a emergência de perspectivas emancipatórias. Esse entrelaçamento temporal não apenas amplia a compreensão histórica das experiências femininas, mas também consolida a literatura infantojuvenil como espaço de resistência simbólica, no qual relações de poder são questionadas e a autonomia feminina, estimulada.

A tessitura narrativa construída por Machado evidencia como o patriarcado se mantém nas relações familiares e culturais, mas também como pode ser ressignificado e desafiado. Ao confrontar as crenças e restrições de Bisa Bia, Isabel não apenas ressignifica sua própria identidade, mas encarna o processo coletivo de emancipação feminina que atravessa gerações. Nesse sentido, a obra transcende a experiência individual da protagonista, assumindo função social e educativa ao propor uma leitura crítica das desigualdades de gênero, permitindo que os leitores desenvolvam consciência histórica, sensibilidade e pensamento crítico.

Do ponto de vista pedagógico, *Bisa Bia, Bisa Bel* reafirma o potencial transformador da literatura como instrumento de reflexão, sensibilização e construção identitária. Quando incorporada ao contexto escolar, a narrativa propicia o diálogo entre passado e presente, promovendo a valorização da memória, o reconhecimento das desigualdades históricas e a construção de novas formas de compreensão do feminino. A leitura da obra estimula, portanto, a empatia, o respeito e a reflexão crítica — elementos fundamentais para a formação de sujeitos capazes de atuar em prol de uma sociedade mais igualitária.

Em síntese, a análise da obra de Ana Maria Machado demonstra que a literatura infantojuvenil pode transcender o entretenimento, configurando-se como espaço de questionamento, resistência e transformação social. *Bisa Bia, Bisa Bel* reafirma a potência da voz feminina na construção de narrativas que desconstroem paradigmas patriarcais, resgatam memórias ancestrais e projetam novos horizontes de equidade de gênero — horizonte este que permanece em constante construção,

geração após geração, por meio da educação, da reflexão crítica e da valorização da literatura como instrumento de emancipação e cidadania.

REFERÊNCIAS

- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo?** São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1991.
- DRUMONT, M. P. **Elementos para uma análise do machismo.** Perspectivas, São Paulo, n. 3, p. 81-85, 1980.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entres séculos (1890-1930).** Rio de Janeiro: *Topbooks*, 2005.
- ELTON, Elmo. **O noivado de Bilac.** Com a correspondência inédita do poeta à sua noiva – D. Amélia de Oliveira. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** Tradução de Ruth M. Klaus. 3. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- GOMES, Dayses de Souza; BATISTA, Suellen Maria de Sousa. **A representatividade feminina na literatura infantil.** 2022. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Recife, 2022.
- MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1981.
- MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel.** 3. ed. São Paulo: Moderna, 2001.
- MEIRELES, C. **Ou isto ou aquilo.** Ilustrações de Maria Bonomi. São Paulo: Giroflé, 1964.
- BEAVOUR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- VIANA, R. L. B. **Reflexão sobre a naturalização do machismo.** Núcleo de Direitos Humanos – UNISINOS, [S.I], 9 set. 2013. Disponível em: <http://unisinos.br/blogs/ndh/2013/09/09/reflexao-sobre-a-naturalizacao-do-machismo/>. Acesso em: 20 ago. 2025.